

O SOCIAL EM LIMA BARRETO

Keila Vieira*

Resumo

Este trabalho analisa algumas questões importantes para compreender o espaço intelectual de Lima Barreto, suas idéias, seus temas preferidos, suas preocupações para com a sociedade de seu tempo.

Palavras-chave: Lima Barreto – espaço – sociedade

Résumé

Ce travail analyse des questions importantes pour comprendre l'espace intellectuel de Lima Barreto, ses idées, ses thèmes préférés, ses préoccupations avec la société de son temps.

Mots-clés: Lima Barreto – espace - société

INTRODUÇÃO

O Brasil do século XIX foi marcado por profundas transformações sociais, políticas e econômicas. Ao lado dessas mudanças nasce, em 1881, no Rio de Janeiro, Afonso Henriques de Lima Barreto. Lima Barreto, como é conhecido na literatura brasileira, produziu romances, contos, crônicas e sátiras. Sua fortuna poética compreende dezessete volumes, incluindo artigos e correspondências. Insere-se, o autor, no Pré-Modernismo brasileiro, período em que é grande a influência de Machado de Assis e Euclides da Cunha.

Incompreendido por sua época, Lima Barreto passa, especialmente após sua morte em 1922, a ser re-interpretado como a figura que virou “pelo avesso a imagem fútil da *belle époque* carioca.” (Veloza, 1999). Para o autor, a escrita devia estar a serviço da sociedade, denunciando irregularidades do governo e discutindo as relações sociais do indivíduo. A obra literária deveria possibilitar ao homem

liberdade de expressão e consciência crítica. Assim, as preocupações artísticas, mais diretamente ligadas ao Parnasianismo e ao Simbolismo, cedem lugar às lutas dos “humilhados e ofendidos”, ou seja, a um retrato sarcástico e caricatural da sociedade.

A escrita de Lima Barreto levanta questões importantes sobre a sociedade brasileira de fins do século XIX, começo do século XX, época de transição para a República. É a hipocrisia do meio social, são as relações travadas entre as pessoas que convivem com o autor no subúrbio, nos cafés, nos bares, nas reclamações do funcionalismo público, que servirão de espelho para a construção dos seus temas, dos seus personagens.

Por isso, o autor, movido de espírito revolucionário e por acreditar na função libertadora da obra literária, por esta ser capaz de tirar o homem do obscuro e do indecifrável, verá, segundo seu biógrafo Francisco de Assis Barbosa, como Taine, que “a obra de arte tem por fim dizer aquilo que os simples fatos não dizem.” (Barbosa, 1988). Dessa forma, Lima Barreto, motivado por sua dor, pelos desastres familiares, compreendeu a Literatura, sobretudo, dentro de uma função social.

Osman Lins, ao examinar o processo literário de Lima Barreto, percebe essa característica social, em que nada escapa às observações e à crítica. Na verdade, Lima Barreto, para o escritor pernambucano,

(...) Recusa-se a ser coisa cada vez mais freqüente entre nós, o escritor que, concentrado exclusivamente na realização de sua obra poética ou ficcional silencia para o momento presente, de tal modo que nasce, vive e morre sem se externar claramente a respeito de nada. (Lins, 1997)

Ora, é por ter empreendido um casamento com a Arte que Lima Barreto não se curvou nem às normas da sociedade, nem às normas vigentes da estética literária da moda, a

*Profª Substituta do Departamento de Literatura, Especialista em Estudos Literários e Culturais

fim de obter o reconhecimento do meio acadêmico. Sua obra é repleta de posicionamentos a respeito da República, da política, dos jogos de interesses que movem as relações sociais. De acordo com Francisco de Assis Barbosa, estudioso das relações entre a vida e a obra de Lima Barreto, muitas vezes, a personalidade determinada deste o faria reagir “com extremada violência, ante as injustiças do mundo e as incompreensões das pessoas que o cercam.” (Barbosa, 1988) Talvez esse tenha sido o motivo de Lima Barreto ter construído uma arte que atinge o universalismo do ser, pois foi o ser o alvo da sua escrita.

Assim, por ter transformado a literatura em sua grande paixão,

(...) Mais do que qualquer outra atividade espiritual da nossa espécie, a Arte, especialmente a Literatura, a que me dediquei e com quem me casei; mais do que ela nenhum outro qualquer meio de comunicação entre os homens, em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino em nossa triste humanidade. (Barbosa, 1988)

Lima Barreto não se afastou da realidade, porque a Literatura era, na sua concepção, o meio mais eficaz de possibilitar ao homem o encontro com suas verdades.

LITERATURA E DENÚNCIA SOCIAL

As questões em torno da função da obra literária não se esgotam, mas cada época busca compreendê-las segundo suas condições. Se nos transportarmos para a antiguidade grega, veremos que Platão concebeu a arte dentro de uma função social e política, e Artístóteles dentro dos aspectos mais éticos que normativos. Embora essas duas visões iniciais tenham possibilitado outras vertentes, é a procura pela “plenitude do sentido da obra de arte”¹ que permeia esses estudos.

Atualmente, os estudos literários caracterizam-se por uma estreita relação com as outras artes, isto é, para compreender determinadas obras literárias recorre-se ao conhecimento histórico e às estreitas relações que o autor manteve com a sua época, como um modo de entender as relações das artes entre si. A capacidade que a obra literária possui de transformar ilusão em possibilidades de verdades orienta o homem ao encontro com seu meio social.

O resgate da história pelo social, ou mais precisamente, esse choque entre a ilusão e a realidade conduz o leitor (homem engajado dentro de preceitos sociais) a buscar sua desautomatização. Passa a ser agente da sua história, porque é capaz de entrever, no fio imaginário da narrativa, situações parecidas com o seu viver. Nesse ponto entram a verossimilhança e a função que Lima Barreto dá à Litera-

tura; para o autor, o importante dentro do processo criativo não é tanto a forma de se dizer, mas o conteúdo a ser dito. Portanto, para atingir seus objetivos que rompem, de certa forma, com os ideais de escrita do seu século, Lima Barreto empreenderá ao fazer literário o seguinte julgamento:

Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros, e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme e inspiração própria, para tentar reformar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela revelação das almas individuais e do que elas têm em comum e dependente entre si.

A literatura do nosso tempo vem sendo isso nas suas maiores manifestações, e possa ela realizar, pela virtude da forma, não mais a tal beleza perfeita da falecida Grécia, não mais a exaltação do amor que nunca esteve a perecer; mas a comunhão dos homens de todas as raças e classes, fazendo que todos se compreendam, na infinita dor de serem homens, e se entendam sob o açoite da vida, para maior glória e perfeição da humanidade. (Barreto, 2002)

Diante desses novos propósitos para a arte literária, Lima Barreto utilizará o romance, a crônica, o artigo, a correspondência e o conto como denúncia social e resgate do humano.

Lima Barreto, utilizando a palavra, procurará ser aquele que traz a luz ao seu povo, que o adverte para os perigos da perfeição vazia. Entenderá seu ofício dentro do campo sócio-político-cultural, da mesma maneira que Ailton Krenak, examinando a importância dos valores básicos existentes na produção dos pensadores, defende, assim, o papel do intelectual: é como “estar no meio do seu povo, narrando a sua história, com seu grupo, suas famílias, os clãs, o sentido permanente dessa herança cultural.” (Krenak, 1992)

Assim, tem-se na leitura da obra do autor, a impressão de um relato histórico sobre a vida da sociedade brasileira do início do século XX. É o que afirma Francisco de Assis Barbosa:

Escritor eminentemente memorialista, a ponto de se tornar difícil, senão impossível, delimitar em alguns de seus romances e contos as fronteiras da ficção e da realidade, ele anotou, registrou, fixou, comentou ou criticou todos os grandes acontecimentos da vida republicana; (...) em suma, toda a crise das classes dirigentes, que se agravaria de modo alarmante com a queda do Império, isso de um lado; do outro, a bondade inata do brasileiro, a coragem do funcionário público humilde que luta para educar os filhos, o milagre da

¹ Sobre o assunto, o artigo “A Literatura como arte na contemporaneidade”, de Sônia Salomão Khéde. In: *Os Contrapontos da Literatura*. (Coord.) RJ: Vozes, 1984. P. 24-37.

sobrevivência da população pobre do subúrbio carioca, que em meio da miséria, canta e ri. (Barbosa, 1996)

Percebe-se, então, que a leitura de Lima Barreto é a busca de compreensão dos fatores do meio, isto é, das influências presentes na obra ou, como diz Antonio Candido, dos fatores do meio que “se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo ou reforçando neles o sentimento de valores sociais.”(Candido, 1967)

Embora essa valorização, como efeitos de leitura, ocorra na obra de Lima Barreto muitos anos depois da sua morte, o escritor não se permitiu o silêncio. Ainda, de acordo com Antonio Candido, poderíamos classificar a atuação dos fatores sociais, na obra de Lima Barreto, como uma arte de segregação, pois “se preocupa em renovar o sistema simbólico, criar novos recursos expressivos.”(Candido, 1967)

Mesmo não sendo aplaudido pela crítica e a sociedade da sua época, Lima Barreto sempre foi coerente na sua escrita e “nunca, um minuto só da sua vida, pôs a sua pena a serviço de nenhuma causa iníqua,”² nas palavras de Osman Lins.

Para Francisco de Assis Barbosa, Lima Barreto construiu uma maneira própria de conceituar a arte literária:

Literatura não era escrever bonito. Não era instrumento de prazer para os ricos. Não era, em suma, o “sorriso da sociedade”, como a definirá mais tarde Afrânio Peixoto. Assim como se rebelava contra essa deturpação da missão do escritor, não podia ele admitir a literatura contemplativa, a literatura plástica, a literatura apenas pela literatura. (Barbosa, 1988)

Ao enfatizar para sua escrita uma função social, Lima Barreto revelou o Brasil dos marginalizados, dos abandonados pela República, dos esquecidos pela literatura da *belle époque*.

Segundo Bronislaw Geremek, é justamente no marginalizado, no miserável, que se encontram as verdades humanas:

Desprovido de laços materiais e dos compromissos da propriedade, o miserável expressa um conhecimento universal da verdade sobre a existência humana, esquecida por todos. (Geremek, 1995)

É através desse “conhecimento universal”, expresso por Geremek, que devemos compreender a obra de Lima Barreto e, em especial, a inserção de personagens populares. Na verdade, estes dramatizam todo o comportamento de uma sociedade do início do século XX; um período em que a Literatura relê suas páginas e (re)escreve suas funções, tornando-se militante do ideal de conscientização do homem.

Para Idilva Germano, Lima Barreto, assim como Euclides da Cunha, desejou contribuir, através de sua obra, para a formação de uma nova sociedade:

Os autores (Lima Barreto e Euclides da Cunha) nutrem o ideal de contribuir para a transformação social do Brasil através da literatura, único veículo de expressão e ação que lhes restava à gradual e devastadora eliminação das possibilidades de luta e de liberdade empreendida pela nova ordem.

A literatura era portanto encarada por ambos como missão, um meio particular de construção nacional, catalisando as mudanças sociais que os tempos exigiam e que a intelectualidade progressista do período reconhecia como deve ser: o fim da ordem autoritária e violenta, o fim da pilhagem patrocinada ou efetuada pelo capital estrangeiro em aliança com as oligarquias e a nova burguesia gananciosa, o fim da mediocridade reinante nas letras e na política. (Germano, 1995)

Portanto, Lima Barreto lê sua época como observador e crítico mordaz dos seus contemporâneos que estavam no poder e se omitiam em seus deveres, fazendo da literatura o veículo para combater o autoritarismo e a hipocrisia.

Para Alfredo Bosi, “o que parece apenas espontâneo e instintivo na prosa narrativa barretiana é, no fundo, consciente e, não raro polêmico.” (Bosi, 2002) Apenas consciente do seu papel enquanto escritor, por não se submeter aos jogos de poder da sociedade, é que Lima Barreto pôde transcender de suas próprias frustrações; uma vez que sai da marginalização, como homem e escritor, e realiza uma crítica objetiva da sociedade.

Lima Barreto torna-se observador dos costumes de sua época, porque demonstra que, embora marginalizado e esquecido pela crítica, não se tornou um alienado. Para Alice Áurea Penteado, o autor

consciente de sua marginalidade literária e social, nunca esmoreceu em combate ou tornou-se agregado deste ou daquele grupo literário, com vistas a uma aceitação por parte da crítica e, por extensão, do público.

(...)

a produção limana, quer literária, jornalística ou crítica, subverte os padrões dominantes, inserindo-se nas contradições de seu tempo, preocupada em refletir o real com maior verossimilhança para, a partir daí, conscientizar e propor mudanças a essa realidade. (Penteado, 2002) (grifo nosso)

Assim, consciente da amargura de seu tempo, Lima Barreto imortaliza sua época, descrevendo-a sem as máscaras sagazes do teatro grego, mas ornada apenas com a veste imaculada da verdade.

CONCLUSÃO: O TEMPO (RE)DESCOBRE A OBRA BARRETIANA

Santo Agostinho nas *Confissões*³, mostra que o tempo provoca verdadeiras angústias. Ninguém escapa à força

² LINS, Osman. Op. cit., p.175

³ Para uma leitura filosófica a respeito do tempo: SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. SP: Nova Cultural, 1999.

sagaz que ele utiliza para devorar suas vítimas. Se o tempo ‘devora’, dentro da mitologia grega, pode-se dizer que o mesmo tempo expele e retifica seus erros.⁴

Assim ocorreu com a obra de Lima Barreto, crítica e banido do círculo literário por seus contemporâneos, o autor teve sua obra esquecida e foi colocada na marginalização durante vários anos:

O mundo literário de seu tempo não o aceita. Considera-o um marginal das letras, sem importância. (Garcia, 1998)

Houve, no tempo da escrita barretiana, uma conspiração do silêncio com relação à escrita e ao próprio autor. Suas denúncias soavam como ameaça às relações sociais e ao perfeito andamento da classe dominante. No entanto, como afirma João Antônio:

Tudo em Lima é atual, de uma atualidade alarmante. Diante de seus livros um patrimônio nacional – quatro romances do maior peso, Isaías Caminha, Policarpo Quaresma, Numa e Ninfa e Clara e alguns contos são fundamentais para quem se meta a conhecer a literatura brasileira – nos, embasbacamos. (...) *De Afonso Henriques de Lima Barreto está tudo aí, vivo, pulando nas ruas, se mexendo, incrivelmente sem solução.* (João Antônio, 2001)

É por ter empreendido esse encontro com a realidade e, acima de tudo, ter lutado por um país mais justo, que a escrita de Lima Barreto ganha, com o passar do tempo, novas leituras. Seu universo ficcional merece um olhar crítico, pois diante de tantos sacrifícios e dores, o autor não se permitiu esquecer o compromisso que mantinha com a Arte Literária. Esse compromisso colocará o autor Lima Barreto em duas situações: primeiramente, provocará um silêncio na sociedade, pois esta se nega a se ver retratada; depois, permitirá à mesma sociedade, encontrar-se e perpetuar-se nas linhas barretianas. Para Osman Lins, *Lima Barreto é talvez o autor brasileiro que nos viu até hoje com maior verdade e lucidez.* (Lins, 1976)

Ainda, segundo Osman Lins, essa dificuldade de se ler Lima Barreto, esse convite à verdade que o autor nos faz seja prejudicado ou adiado, em parte, pelo período em que a escrita barretiana veio à tona. A época de Lima é a época de Machado de Assis. Então, é comum “a admiração inicial” sofrer restrições.

Importa, para Osman Lins, lembrarmos que *Lima Barreto e Machado de Assis, cada um a seu modo e, às vezes, seguindo caminhos opostos, contribuem de maneira significativa para a formação do nosso patrimônio literário.* (Lins, 1976)

Se empreendermos à literatura essa função de patrimônio, poderemos nos debruçar não apenas sobre a obra de Lima Barreto, mas sobre a de tantos outros autores esquecidos e renegados, julgados fora de um parâmetro realmente literário, como escritores menores.

Dessa forma, esse silêncio que exclui o autor do campo intelectual de seu tempo poderá ser combatido, e a fortuna crítica da obra do autor deixará de ser algo desconcertante, dentro da Literatura, como a obra de Lima Barreto muitas vezes foi vista.

Coube ao tempo aproximar os leitores da escrita e das verdades barretianas, a fim de compreender não apenas uma época, mas a existência humana que se pauta nos limites da verossimilhança.

Espera-se que o autor Lima Barreto ganhe, dentro do universo acadêmico, que ele de certa forma renegava, novas leituras e novas críticas, mostrando que sua obra é um espelho do homem brasileiro do século XIX, início do século XX e, mais adiante, dir-se-ia que um encontro do homem com o seu constante estar-no-mundo, pois as dores humanas não se dispersam com o tempo, mas este permite-nos olhá-las e (re)interpretá-las dentro do mundo ficcional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1988.
- _____. Prefácio. In: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. 10ª ed. RJ: Ediouro, 1996.
- BARRETO, Lima. Prefácio ao livro *Histórias e Sonhos*, extraído da internet, livraria virtual, endereço www.vbookstore.com.br (2002)
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. SP: Cultrix, 2001.
- CANDIDO, Antonio. “A Literatura e a Vida Social”. In: *Literatura e Sociedade*. SP: Ed. Nacional, 1967.
- _____. “Os olhos, a barca e o espelho”. In: *A Educação pela noite e outros ensaios*. SP: Editora Ática, 1987.
- GARCIA, Francisco de Assis. “Apresentação de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha de Lima Barreto*”. In: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Fortaleza: ABC Editora, 1998.
- GEREMEK, Bronislaw. *Os Filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura européia. 1400-1700*. SP: Cia das Letras, 1995.
- GERMANO, Idilva Maria Pinto. “Os Brasis de Euclides da Cunha e Lima Barreto”. In: *Revista de Letras*, Vol. 17, nº1/2, Jan/Dez, 1995, Fortaleza/Ce.

⁴ Estudo sobre a origem mitológica do tempo in: JULIEN, Nádía. *Minidicionário compacto de mitologia*. Trad. Denise Rodonovic Vieira. SP: Ridiel, 2002.

- JOÃO ANTÔNIO. “Lima Barreto, Pingente.” In: LIMA BARRETO. *Prosa seleta*. Vasconcellos (Org.). RJ: Nova Aguilar, 2001.
- JULIEN, Nádia. *Minidicionário compacto de mitologia*. Trad. Denise Rodonovic Vieira. SP: Ridiel, 2002.
- KHÉDE, Sônia Salomão. “A Literatura como arte na contemporaneidade.” In: *Os Contrapontos da Literatura*. (Coord.) RJ: Vozes, 1984.
- KRENAK, Ailton. “Antes, o mundo não existia.” In: *Tempo e História*. Org. Adauto Novaes. SP: Cia das Letras, 1992.
- LINS, Osman. *Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros*. SP: Summus, 1997. P.173
- _____. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. SP: Ática, 1976.
- PENTEADO, Alice Áurea. “Lima Barreto e a crítica (1900 a 1922) – a conspiração do silêncio”. Universidade Estadual de Maringá/ Brasil. Acesso pelo site: www.uem.es/info/especulo/
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. SP: Nova Cultural, 1999.
- SILVA, Francisco de Assis e BASTOS, Pedro Ivo de Assis. *História do Brasil*. SP: Ed. Moderna, 1983.
- VELOZO, Marisa e MADEIRA, Angélica. “Século XIX: paisagens do Brasil”. In: *Leituras brasileiras: Itinerários no pensamento social e na Literatura*. SP: Paz e Terra, 1999.